



## JUVENTUDES E OS SEUS PROJETOS DE VIDA ONLIFE

Sabrina Capulo

**Resumo:** O artigo trata das Juventudes e os seus projetos de vida, à luz do Paradigma da Educação OnLIFE, articulado as ideias da Sociologia da Juventudes, no que tange a compreensão de como se constituem as culturas juvenis. Refere-se a uma reflexão teórica acerca do Projeto de Vida imbricada à formação dos jovens estudantes do Ensino Médio. Essa análise implica em como a constituição das identidades é percebida na formação escolar. O Projeto de Vida, do Novo Ensino Médio, preconiza possibilitar ao jovem estudante a sua formação escolar, inserção no mercado de trabalho e na constituição da sua trajetória profissional. Por essa razão, consoante as vertentes teóricas que baseiam este texto, o jovem, ao ter mais autonomia, tornar-se-á protagonista do seu processo de formação.

**Palavras-Chave** Educação OnLIFE. Juventudes. Projeto de Vida.

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de uma reflexão acerca do campo de atuação da Juventudes, que abarca as diferentes faixas etárias em diferentes práticas. Essa reflexão justifica o desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado em Linguística Aplicada, na UNISINOS, a qual investiga a construção de projeto de vida por jovens estudantes do Ensino Médio. Neste texto, percebemos uma articulação do projeto de vida aplicada ao Paradigma da Educação OnLIFE (Schlemmer, 2020; Moreira e Schlemmer, 2020; Schlemmer e Moreira, 2020; Schlemmer, Di Felice e Serra, 2020) para os jovens estudantes em escola pública.

Sabrina Capulo, Doutoranda em Linguística Aplicada pela UNISINOS, membro do GP Edu-Unisinos - Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Professora de Língua Portuguesa, Literatura Luso-Brasileira, Produção de Texto e Língua Inglesa, membro do Grupo de Estudos Processos de Formação Juvenil – PUCRS; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9515329395438084>

O alvo desta reflexão são jovens estudantes de Ensino Médio de escola pública, situados na faixa etária de 14 a 19 anos. O trabalho de Projeto de Vida, do Novo Ensino Médio, constituído a esse público evidencia uma necessidade distinta, apesar de estarem em rede. Através do Projeto de Vida, esses jovens estudantes preparam-se para a inserção no mercado de trabalho depois da conclusão do ensino médio, ou mesmo, sem essa formação básica, assim como preparam-se para a educação superior, realizam a escolha, a qual propicia a continuação da sua formação a longo prazo, implicando a inserção no mundo do trabalho.

Nesse sentido, as mudanças paradigmáticas sociais e refletidas na Escola, no pós-pandemia, destacam a apropriação de diferentes tecnologias digitais, bem como as redes de comunicação digitais (RCD), que sobressaem mudanças significativas nas salas de aula do Ensino Médio. Em virtude dessa massificação de acesso aos dispositivos móveis, em distintas esferas sociais, notadamente, a da sala de aula, a evolução tecnológica digital tem desencadeado reestruturações nos ecossistemas e ambientes educacionais; disso, torna-se inviável desconsiderar essas tecnologias, por prescindir da inovação, transformação e modernização (MOREIRA, 2018).

Não obstante, as ideias acerca das tecnologias digitais exageram, por apresentarem discrepâncias quanto aos seus reais benefícios e malefícios, visto que os dispositivos cibernéticos e a internet distam de ser salva-guardas para as aulas no chão da Escola. O cerne incide em perceber que fatores propiciam o saber a e da tecnologia, sobretudo como uma ecologia e do sentido constituem-se para os jovens estudantes. O que se tem observado é que a tecnologia tem alterado as relações entre os jovens e as práticas pedagógicas; para potencializar a presença tecnológica na sala de aula demanda alterar a ideia acerca da Educação. As tecnologias têm possibilitado integração e novas formas de aprender e interagir na sala de aula.

Ainda preponderam concepções sobre as tecnologias, de modo instrumental, o que ainda diminui as práticas a uma educação repositória. Assim, urgem mudanças na Educação referente às tecnologias digitais, bem como a necessidade de perceber práticas pedagógicas para além do ensino tradicional. Fato que há uma urgência na infraestrutura, acesso e permanência na rede para propiciar outros ambientes de aprendizagem, notadamente, a

educação digital de qualidade. Em virtude desses desafios e mudanças profundas, nesse pós-pandemia, apresentar outras proposições acerca dessa complexidade educacional, à luz do Paradigma da Educação OnLIFE.

O Projeto de Vida, para além de um componente curricular, é uma prática social, na sala de aula, capaz de estimular os jovens estudantes a pensarem na constituição do seu futuro, visando à busca de si, de sua biografia, percebendo-se na sua condição presente, das oportunidades e exigências do mundo do trabalho, correlatas às suas necessidades. A partir disso, os jovens estudantes, através de novos atos conectivos, moldam os seus projetos de vida, junto ao projeto profissional, por perceberem os seus sonhos, imbricadas à realidade possível para o momento e com as perspectivas de futuro.

O Projeto de Vida preconiza atividades fornece informações e estimula os jovens para a reflexão e a sua construção, compreendido como construção da identidade processual em permanente e em constante metamorfose. Para essa constituição, faz-se necessária a interação com a realidade objetiva, com o social e suas implicações.

Diante o exposto, este artigo propõe reflexões sobre o projeto de vida voltado às realidades desses jovens estudantes, visando transformá-los em protagonistas dos seus projetos futuros.

## **2. O PARADIGMA DA EDUCAÇÃO ONLIFE**

Em razão das mudanças rápidas desencadeadas pela pandemia, acelerou a necessidade de os professores e os jovens estudantes desenvolverem-se na Educação Digital, sobretudo nos contextos digitais de ensino e de aprendizagem síncronos e assíncronos. Entretanto, o que tem ocorrido é a transposição de práticas pedagógicas presenciais físicas para os ambientes digitais on-line. Muitas vezes, são utilizadas as tecnologias de webconferência e as plataformas digitais, de modo instrumental, tolhendo as metodologias a uma pedagogia tradicional, desencadeando e mantendo a ideia de ferramenta.

Disso, advém uma disrupção, através do paradigma do OnLIFE; neologismo oriundo do projeto Iniciativa OnLIFE, iniciado na Comissão

Europeia, concernente a entender os sentidos do ser humano numa realidade hiperconectada. O documento intitulado 'The OnLIFE Manifesto' (FLORIDI, 2015), gerado desse projeto, postula a cisão da diferença entre o off-line e o on-line, assevera que as tecnologias digitais (TD) e as redes de comunicação não são instrumentos, e, sim, forças ambientais, as quais abrangem sobremaneira a autopercepção de si, as interações, o ensino e a aprendizagem; a compreensão dessa realidade e interações com a realidade.

Ademais, as tecnologias digitais (TD) apresentam constituição ética, legal e política, enfraquecendo a diferença entre a realidade e a virtualidade, entre o humano, a máquina e a natureza; a mudança da preferência dos constituintes, individualidades e relações binárias para as conectividades, processos e redes. Entender esse contexto hiperconectado (FLORIDI, 2015), advindo da hibridização do mundo biológico, do mundo físico e do mundo digital, demanda novas reflexões acerca das epistemologias e vertentes, que não dão conta das suas complexidades, visto que cerceiam as ações aos humanos, numa concepção antropocêntrica do mundo. Percebe-se essa ideia antropocêntrica, através da análise de utilização, na assunção de que as tecnologias digitais (TD) são instrumentos, usadas pelo humano (utilizador/consumidor), desencadeando uma consciência ingênua (PINTO, 2005) do mundo em que habita; bem como da apropriação, a qual trata das tecnologias digitais (TD) como Tecnologias da Inteligência; o humano como produtor, a partir de um empoderamento e desenvolvimento de consciência crítica (PINTO, 2005) acerca do habitar o mundo (SCHLEMMER, 2020).

A segunda concepção, apesar de ser inicial, numa arquitetura ecológica, em se tratando das tecnologias da inteligência, foca-se no humano, junto à ideia de inteligência coletiva (LÉVY, 2003), em que age sobre o mundo. Nesse sentido, dista das relações ecossistêmicas, propiciadas pelo ato conectivo, que permite conectar as biodiversidades e as inteligências dos dados, gerando uma ecologia inteligente, em que os humanos são um dos membros, nem o centro e nem a periferia (DI FELICE, 2017). Assim, Di Felice (2017) introduz o ato conectivo, concebido pelas interações ecossistêmicas advindas de distintas entidades, humanas e não humanas, que, ao estarem em relação de conectividade, manifestam a dimensão efêmera e genética.

Nessa perspectiva, gerar novos cenários para a investigação e reflexão, de desenvolvimento e formação, os quais têm demandado a inventividade na Escola, a partir de trajetórias que se coengendram num habitar e co-habitar mais atópico, nos contextos híbridos. Disso expande a condição habitativa, não mais restrita a espaços geográficos e, sim, a espaços digitais em rede, construída pelo ato conectivo transorgânico (DI FELICE, 2017), imbricado a inteligências distintas. Assim, emergem os territórios informacionais comunicacionais, interacionais, os quais têm mudado as noções de tempo, espaço, presença etc.. A partir disso, percebe-se a transformação digital enquanto disruptiva no espaço-tempo de interações ecossistêmicas na Escola.

### **3. JUVENTUDES: ESTUDANTES OU COPRODUTORES DE CONHECIMENTO?**

Segundo Sposito (2009, p. 24), é possível verificar um crescimento nos estudos que tomam em questão a temática das Juventudes, sobretudo no contexto urbano, visto que “todos os eixos temáticos que articulam a produção discente têm como elemento comum a condição juvenil urbana, sobretudo de grandes regiões metropolitanas, investigada a partir de enfoques diversos” (p. 24).

Os estudos sobre as relações sociais dos jovens no seu cotidiano, da mesma forma como constituem o estilo, os significados que lhe atribuem, ou seja, sobre como eles são vistos, e o que dizem no/para o mundo ainda estão constituindo o campo. Aqueles auxiliam e instigam a saber mais sobre a cultura juvenil, enfatizando os seus anseios vividos (DAYRELL, 2007, p. 155). A compreensão acerca das Juventudes em cada pesquisador interfere na investigação sobre quem são de fato os jovens da contemporaneidade.

Uma das mais arraigadas crenças sobre os jovens diz respeito “a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade” (DAYRELL, 2007, p. 156). De acordo com o autor, três concepções sobre o jovem dificultam uma definição mais concreta para a juventude. A primeira, ligada ao futuro, em que o presente é ignorado

Nesta primeira concepção, ao compreender as Juventudes a partir do “vir a ser”, pormenorizar a sua presença e importância no âmbito académico é, muitas vezes, longe do que os jovens revelam nos mais variados cenários, como por exemplo, a Escola.

Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem bem mais amplas do que apenas o futuro (DAYRELL, 2007, p. 156)

Nessa perspectiva, a sociedade, de uma maneira geral, que deveria atentar às diferenças juvenis, é criticada por sua posição que reafirma a juventude como território de passagem.

A segunda concepção apontada por Dayrell (2007) remete a uma perspectiva romântica da juventude firmada na década de 60. Sob este enfoque, há várias análises sobre a indústria cultural e o mercado de consumo relacionado ao jovem. A partir daí, surge o termo moratória, momento marcado pela liberdade, prazer, irresponsabilidade etc.. Alia-se a esta definição a percepção do jovem implicado tão somente ao campo da cultura porque o jovem não tem voz, a não ser em atividades culturais.

A terceira forma de conceber as Juventudes, a qual este artigo se alinha, parece estar mais adequada por se aproximar da realidade, no que concerne aos dilemas e conflitos juvenis acerca da autoestima, amizades etc..

A noção de juventude perpassa e ultrapassa, atualmente, a questão de faixa etária, ou desenvolvimento biológico. Parece uma visão reducionista, dado que ser jovem implica uma complexidade e a fluidez em relação à construção das suas identidades no mundo contemporâneo. Ao pensar sobre a juventude e o tempo futuro, Leccardi (2005) trata do presente em detrimento do futuro, pois a juventude pode ser entendida como uma fase biográfica, ou seja, uma preparação para a vida adulta (LECCARDI, 2005, p. 35). Dessa forma, o futuro é o causativo da ação no presente, entendido como projeto de vida. O futuro é que auxilia para a definição do jovem no dia-a-dia, dado que traz consigo o questionamento sobre o que será. Todavia, a autora alerta que

[...] a perspectiva biográfica à qual remete o diferimento das recompensas implica a presença de um horizonte temporal estendido,

uma grande capacidade de autocontrole, uma conduta de vida para a qual a programação do tempo se torna crucial. O tempo cotidiano é cuidadosamente investido e desfrutado de modo análogo ao dinheiro; é programado, e seu uso, racionalizado (LECCARDI, 2005, p. 36).

Uma provocação se dá pelo presente a ser vivido a partir das expectativas em relação ao futuro, daí advêm as incertezas, o que é uma constante na vida dos jovens, sobretudo, ao mercado de trabalho. Isto ocorre, segundo a autora, pois tal incerteza afeta não só o futuro, mas o presente, e “investir num futuro em longo prazo acaba parecendo tão pouco sensato quanto adiar a satisfação. Mais do que renunciar às recompensas que o presente pode oferecer, convém então estar treinando para aproveitar o instante” (LECCARDI, 2005, p. 37). Refere-se à disposição frente aos imprevistos, comum hoje em dia, e que atordoa os jovens, incertos ainda mais sobre o futuro.

Ainda segundo a autora, as identidades não se conjugam apenas no presente, visto que muitos jovens se mostram empenhados na busca de novas relações entre o processo de produção e criação social, associado ao futuro, juntamente às condições particulares de incerteza nas quais esse processo é vivenciado atualmente. Por essa razão, o jovem é entendido a partir do tempo biográfico e social, o que acarreta o presente e o futuro serem intrínsecos.

Dado o exposto, estudar as Juventudes na contemporaneidade implica abarcar sua contextualização social, o que coloca um quadro de extremos: as Juventudes não poderão ser definidas isoladamente nem em um polo, nem em outro, tendo em vista que se a idade isoladamente não pode ser tida como elemento definidor, também não o será a classe social, a condição econômica, o tipo de inserção no mercado de trabalho e ainda outros fatores.

Enfatiza-se que a sociedade tem um compromisso tanto com os que já evidenciaram interesse por conduzir-se para um futuro com certo grau de planejamento, quanto com aqueles que ainda não vislumbraram para a importância de incorporar a responsabilidade por sua própria condição.

O cerne incide na diversidade, a qual inclui diferenças: ordem social, regional, étnica, educacional e de gênero, bem como propicia a compreensão das representações e das aspirações dos jovens, compreendendo-os como um fenômeno, e não somente como um pressuposto biológico, consoante todos eles seguiriam a mesma lei de desenvolvimento e de socialização.

Assim, para fazer uma análise da juventude, a dimensão social deve ser considerada, para que possamos desenvolver uma prática profissional diante dessas juventudes, guiadas por diferentes realidades, na tentativa de oferecer possibilidades de construção de um projeto de vida contextualizado.

#### **4. O PARADIGMA DA EDUCAÇÃO ONLIFE E AS JUVENTUDES: OS PROJETOS DE VIDA**

A Educação OnLIFE é um campo emergente que articula, em rede, a relação do humano com diferentes entidades não humanas, bem como as suas implicações na constituição de si e da sociedade, esclarecendo que vai além da escolha profissional. Neste artigo, há de ser desenvolvida de modo contextualizado, imbricando as transformações e necessidades da sociedade atual, à luz do Referencial Curricular Gaúcho, enfocando as Juventudes do Ensino Médio. Nesse contexto, preconiza-se a expansão de possibilidades a partir do Paradigma da Educação OnLIFE, o qual pode orientar metodologias e práticas pedagógicas na Escola, em que se enfatizam a ação das universidades, junto aos programas de políticas públicas destinados ao desenvolvimento de programas permanentes de formação docente, bem como acompanhamento para efetivar o currículo ao projeto de vida das Juventudes. Através dessas ações, intenta-se a ampliação na perspectiva do Paradigma da Educação OnLIFE, a qual tem preconizado a transformação da Educação, a partir de novas concepções da vida, da Escola, do humano.

Nessa nova perspectiva, qual será a função do Projeto de Vida, a luz do Paradigma da Educação OnLIFE, para essas Juventudes do Ensino Médio? Primeiro, o compromisso educacional e ético de fazer com que os jovens estudantes percebam a importância de se tornarem atores sociais, transformadores de si e da sociedade, em rede, a fim de se reconhecerem como membros ativos desta. Ao vislumbrar as Juventudes, nesse contexto disruptivo, urge repensar ações para a formação de cidadãos capazes de se reconhecerem como agentes de suas vidas.

As intervenções pautam-se na promoção de sentido na conscientização dos jovens estudantes como agentes participantes nas modificações do ensino e na aprendizagem. Ademais, subsidiar propostas e metodologias inventivas



(Schlemmer, 2018, 2022) para que o jovem estudante seja agente de conhecimento, interação e controle em seu contexto, reconhecendo seu papel ativo na construção de um meio eficaz para o desenvolvimento humano integral. Nessa perspectiva, articula-se a Educação OnLIFE como prática junto ao Projeto de Vida, objetivando construir com os jovens as possibilidades de mudança.

Do Referencial Curricular Gaúcho, O Projeto de Vida proporciona ao jovem estudante uma escolha realista, contextualizada, analítica, reflexiva e crítica, visando contribuir para a apropriação do que seja essa realidade; ao expandir as trajetórias dos sujeitos e da sociedade, isto é, um Projeto de Vida que propicie reflexões amplas, açambarcando o conhecimento e a análise da sociedade, práticas a incitem o jovem a pensar, a exercitar a criatividade e a capacidade de busca.

As contribuições da Educação OnLIFE para a uma re-estruturação das práticas do Projeto de Vida, as quais assegurem o desenvolvimento humano como constituição mútua: ao gerar sua própria identidade, corrobora a fim de que se construa a do outro. Assim, o Projeto de Vida incentivará discussões acerca das concepções do indivíduo referente às escolhas como ato que potencializa aquele que a faz, bem como levar em consideração as relações dessas escolhas com a sociedade.

Apresentam-se essas reflexões, por haver preocupações quanto à reprodução da ideologia dominante e à manutenção da discriminação e dissimulação diante das questões que envolvem as Juventudes, bem como o uso das tecnologias digitais (TD), por essa razão, os apontamentos, a partir do Projeto de Vida e contributos do Paradigma da Educação OnLIFE.

## **5. EDUCAÇÃO ONLIFE: JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA**

A partir da mudança curricular, implicada à Educação OnLIFE, a tentativa de construir práticas capazes de oportunizar os jovens estudantes a se perceberem como agentes de transformação, fundamentada no Projeto de Vida, correlata às concepções de Juventudes e identidades, em que se delinea o Projeto de Vida como elemento definidor da constituição das identidades.

O Projeto de Vida vincula-se às possibilidades de futuro, desencadeando movimentos pela temporalidade. Tratar de projeto é dizer de possibilidades de vir a ser, de identidades futuras possíveis. Todas asseverariam a inesgotável plasticidade do humano contida naquela terra vida. O sujeito constituiria uma identidade pessoal através de suas relações sociais, com a história de vida, um projeto de vida, distando de mera reprodução do que é dado culturalmente e, sim, como possibilidade de mudança, em suma, de futuro não reproduzido. A relação entre projeto de vida e identidade implica as diferentes relações combinadas pelo homem em sua trajetória de vida. Desse modo, o passado e o presente são dimensões que preparam o futuro.

De acordo com essas proposições, pode-se dizer que o Projeto de Vida é metamorfose, a qual se materializa num processo temporal, através das relações e traz os meios de alcançar esse projeto, não delimitando a apenas aspirações. A memória, para o autor, dá consistência à biografia, ou seja, permite a visão retrospectiva, que embasa a condução do projeto. O projeto é um modo de comunicação, um instrumento de negociação da realidade, e servirá como maneira de expressar e articular interesses, aspirações e objetivos. O projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, à medida em que almeja, pelo estabelecimento de objetivos e fins, a estrutura dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. O projeto e a memória articulam-se ao dar significados à vida e às ações dos jovens estudantes, ou seja, às próprias identidades.

Disso, há que se considerar que o Projeto de Vida dos jovens estudantes do Ensino Médio é um processo temporal de significações gerado pelas interações. Vislumbrar novos atos, objetivando construir junto a esses jovens suas identidades, refletindo como um processo intrínseco às suas trajetórias e que, essencialmente, prescinde de meios para ser atingida. Dessa forma, novas práticas para o Projeto de Vida tornam-se fundamentais. As possibilidades de os jovens estudantes perceberem-se como agentes desse projeto faz parte dessa transformação, proposta também pelo Paradigma da Educação OnLIFE.

O Projeto de Vida se constitui nas relações, em rede, como se tem percebido, também vinculado às transformações das relações humanas. Leccardi (2005) apresenta os modos de criação dos projetos juvenis, partindo

do cenário social de incerteza típico da atualidade. Dessa forma, o Projeto de Vida vislumbra um outro contexto, em que as mudanças ocorrem céleres. Na atualidade, o significado da faixa etária juvenil transforma-se, a estabilidade prescinde de valor, e a concepção de projeto parece esgotar-se, pois “uma trajetória socialmente normalizada em direção à idade adulta deixou de existir. O ponto de chegada desta trajetória, por sua vez, é incerto, bem como os itinerários para alcançá-lo” (Leccardi, 2005, p. 49). A referida autora enfatiza um momento de crise do futuro e do projeto.

Em virtude disso, disromper a Educação, a partir de reflexões e transformações, a partir das novas configurações sociais e das tecnologias digitais (TD), urgem concepções, metodologias e práticas que signifiquem a vida humana. A quebra de velhas práticas e vertentes acerca das estruturas sociais, sobretudo a Escola, emergem como fundamentais para as reais disrupções dos sujeitos.

Esses contextos emergentes desafiam a Escola, por os jovens estudantes demandarem novas práticas e metodologias, notadamente o Projeto de Vida, visto que eles têm necessidades, anseios, escolhas, que açambarquem essa realidade multidimensional multidisciplinar em que (con)vivem; do mesmo modo dar conta dos diversos saberes, que se têm demandado deles, intrínsecos à emergente sociedade digital em rede.

São necessárias mudanças profundas na Escola, decentrar o papel do aprender do professor, para uma educação digital em rede, demanda perceber como os jovens estudantes coconstroem os seus aprenderes, através da apropriação digital, objetivando o desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas concernentes a esses tempos e a esses espaços juvenis, açambarcando as potencialidades dos novos meios. Nessa perspectiva, através do uso das tecnologias digitais (TD) conectivas, em que os jovens estudantes se tornem coprodutores, colaboraram para com as novas ecologias educacionais.

Dados os acontecimentos céleres nesse pós-pandemia, repensar a Educação, à luz das concepções apresentadas acima, implicam trajetórias atravessadas pela conectividade, rapidez, fluidez, apropriação das tecnologias digitais (TD); urge, para além de refletir, mudar os processos educacionais, objetivando desenvolver as potencialidades das Juventudes, bem como

ressignificar as práticas pedagógicas para os sujeitos. A partir dessas reflexões, à luz dessas concepções, vislumbra-se reflexões, para além ações em que sejam implementadas e efetivadas práticas que consolidem a coprodução e cossignificação do conhecimento no Projeto de Vida para as Juventudes do Ensino Médio, bem como consolidem-se formações docentes para a Educação OnLIFE na Escola.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Das concepções acerca das Juventudes e, notadamente, o Projeto de Vida, à luz do Paradigma da Educação OnLIFE, há que se repensar sobre as práticas pedagógicas e novas formas de interação na cultura do aprender dos jovens estudantes. Nesse cenário emergente pós-pandemia, existem diferentes Juventudes, apropriação das tecnologias digitais (TD), urgem diferentes práticas, imbricadas a essa realidade. O foco deste artigo é refletir sobre a relação das Juventudes e os seus projetos de vida, no Projeto de Vida, à luz da Educação OnLIFE.

Dessa relação, ampliar as reflexões e investigações acerca dessas interações entre as Juventudes e as tecnologias digitais (TD), bem como implementar e efetivar junto aos programas de políticas públicas não somente o acesso, mas a permanência em rede, dentro e fora da Escola pra esses jovens estudantes. Essa disrupção há de desencadear, de fato, a construção dos projetos de vida, ressignificando a participação no mundo através da expansão de possibilidades, cosmovisão e entendimento das escolhas e dos projetos de vida. Essa proposta intenta refletir sobre o Projeto de Vida, à luz do Paradigma da Educação OnLIFE, seus desafios e seu discurso por consolidação, coconstruindo com os jovens uma posição crítica e reflexiva frente ao cenário atual. Almeja-se apresentar às Juventudes do Ensino Médio a possibilidade de se tornarem protagonistas de suas vidas e dos seus projetos. Para tanto, o professor deve ter coconstruir o seu conhecimento, junto às tecnologias digitais, ressignificar a sua prática docente, bem como programas de formação continuada no Paradigma da Educação OnLIFE.

Entende-se o Projeto de Vida como prática social, o qual preconiza a constituição de um lócus de reconhecimento social para os jovens estudantes

coconstruam as suas trajetórias. Para tanto, são imprescindíveis os programas de políticas públicas voltados para a formação de profissionais mais capacitados, bem como a promoção da cidadania. Disso, procede imediatamente a pergunta sobre como promovê-la. Em suma, o Projeto de Vida caracteriza-se pela ampliação da percepção dos sujeitos sobre si próprios em relação ao mundo; pensar propostas de intervenção, as quais propiciem a formação de um pensamento crítico e a apropriação da autonomia do sujeito diante de seu futuro, bem como das tecnologias digitais (TD).

## 7. REFERÊNCIAS:

ABRAMO, H. W. (2005). Condição juvenil no Brasil Contemporâneo. In: H. W. ABRAMO & P. P. M. BRANCO (Orgs.), **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional** (pp. 37-71). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

BORDIEU, P. (1983). A "juventude apenas uma palavra. In: P. Bourdieu (Org.), **Questões de Sociologia** (pp. 113-121). Rio de Janeiro: Marco Zero.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes?: reflexões sobre a socialização da juventude. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, 2007. p. 1.105-1.129.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulos Editora, 2017. Coleção Comunicação.

FLORIDI, L. (ed.), *The OnLIFE Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*. Springer Cham Heidelberg New York Dordrecht London, 2015. 255 p. Disponível em: < <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-3-319-04093-6.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2023.

LECCARDI, C. (2005). Por um novo significado de futuro mudança social, jovens e tempo. **Revista Tempo Social**, 17(2), 35-57.

MOREIRA, J. A. Reconfigurando Ecossistemas Digitais de Aprendizagens com Tecnologias Audiovisuais Em Rede - **Revista de Educação a Distância**, vol. 5, n.º 1, p. 5-15, 2018. Disponível a partir de [https://aunirede.org.br/revista\\_2.4.8-2/index.php/emrede/article/view/305](https://aunirede.org.br/revista_2.4.8-2/index.php/emrede/article/view/305)

MOREIRA, J. A. SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital OnLIFE. **Revista UFG**, 2020, V.20, 63438.

NOVAES, R. & VANNUCHI, P. (2004). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

SCHLEMMER, E. **Ecossistemas de Inovação na Educação na cultura híbrida e multimodal**, 2020. p. 96. (Relatório de pesquisa como professora visitante sênior na Universidade Aberta de Portugal – UAb-PT, referente ao EDITAL Nº 01/2019 - Programa Institucional de Internacionalização – CAPES-PrInt - Processo Seletivo de Bolsas - 2019/1.

Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Projeto de Vida**. Porto Alegre: SEE, 2023. RIO GRANDE DO SUL.

SPOSITO, M. P. (coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SPOSITO, M. P. & CARRANO, P. C. R. (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista de Educação**, (24), 16-39.